

Práticas do Jornalismo Hiperlocal na Vila Mariana: Um Levantamento de Pautas a Partir da História Oral¹

Marina BIANCHI²
Enio MORAES JÚNIOR³
ESPM - SP

Resumo

Este artigo se propõe a discutir a relação entre jornalismo hiperlocal, memória social e história oral, tendo como base os resultados da pesquisa de Iniciação Científica *Práticas do Jornalismo Hiperlocal na Vila Mariana: um levantamento de pautas a partir da história oral*. A partir das narrativas de velhos moradores do bairro, e utilizando-se do método da história oral, buscou-se resgatar fatos, memórias e registros de mudanças que aconteceram na região e cuja essência ou relevância indicassem pautas jornalísticas de valor social e de interesse público para a comunidade. Ao mostrar as diversas possibilidades de continuidade e significação do passado no presente, a pesquisa permitiu ampliar as discussões sobre memória e temporalidade no jornalismo, ressaltando a indissociável conexão entre o seu tempo primordial – o presente – o passado e as perspectivas de futuro.

Palavras-chave: Jornalismo hiperlocal; Vila Mariana; memória; pauta.

Introdução

Na era da comunicação e da tecnologia digitais, a busca pelo conhecimento e pelo saber sobre os acontecimentos mais atuais do mundo se ancoram, substancialmente, na informação de imprensa que, marcada pelo imediatismo do presente, nem sempre valorizam os lugares da narração exemplar do passado:

A arte de narrar vai decaindo com o triunfo da informação. Ingurgitada de explicações, não permite que o receptor tire dela alguma lição. Os nexos psicológicos entre os eventos que a narração omite ficam por conta do ouvinte, que poderá reproduzi-la à sua vontade; daí o narrado possuir uma amplitude de vibrações que faltam à informação”. (BOSI, 1979, p. 86)

A falta apontada por Ecléa Bosi configura muitas interrogações, que marcam o lugar da comunicação no mundo de hoje; especialmente do Jornalismo. Assim é que o presente artigo tem como tema a relação entre jornalismo hiperlocal, história oral e memória social

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna do 6º Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-SP. E-mail: mmendesbianchi@gmail.com.

³ Professor do Curso de Jornalismo da ESPM-SP e orientador da pesquisa de Iniciação Científica de que se origina este *paper*. E-mail: enio@espm.br.

como fonte de pautas jornalísticas de interesse de um público específico; tendo como base uma pesquisa de iniciação científica, desenvolvida entre fevereiro de 2015 e fevereiro de 2016, no Curso de Jornalismo da Escola de Publicidade e Marketing – ESPM-SP.

Por meio de uma abordagem qualitativa, a pesquisa propôs, a partir da narrativa oral de velhos moradores do bairro da Vila Mariana, pautas jornalísticas de interesse público para a população da região. Na primeira fase, foi realizada a pesquisa bibliográfica e conceitual sobre jornalismo hiperlocal, interesse público, humanização, memória, história oral e pautas jornalísticas; seguida de uma segunda fase, em que foi feito um levantamento de dados sobre a comunidade da Vila Mariana, seus habitantes e sua história. Nesta etapa, foram ouvidos alguns dos moradores mais antigos e mais ligados a esses temas, utilizando como recurso a história oral. Em seguida, essas histórias serviram de base para se propor pautas que alimentassem a produção de jornalismo hiperlocal para a região.

A pesquisa aqui relatada teve como objetivo geral, então, valorizar e resgatar a história do bairro, a partir da memória dos moradores mais antigos da região, aprofundando os conceitos de hiperlocalidade e de intertemporalidade como bases de pautas jornalísticas. Além disso, considerou-se como objetivos específicos (a) criar pautas jornalísticas de interesse público que pudessem subsidiar os veículos locais e hiperlocais e (b) colaborar com a produção de pautas para o *Portal de Jornalismo* da ESPM –SP, especialmente para a Editoria Vila Mariana, e demais publicações locais e hiperlocais que cobrem a região.

Finalmente, evidencia-se, a importância do diálogo com o passado, para a compreensão do presente, especialmente para o Jornalismo, que parece cada vez mais acelerado em direção a uma absolutização do atual.

História oral, memória e jornalismo hiperlocal

O jornalismo hiperlocal é uma forma de fazer jornalismo mais próximo da comunidade. Assim, os temas pautados são mais específicos e focados nos interesses de uma determinada população. Segundo Thaís Carbonell,

Jornalismo hiperlocal é um fenômeno recente, ainda com escassa literatura e, também, pouca produção prática, mas desponta como uma nova opção de ação jornalística que mantém um relacionamento próximo à comunidade e utiliza a web para seu desenvolvimento. É uma nova forma de fazer jornalismo, mas com o antigo conceito de estar a serviço da sociedade. (CARBONELL, 2012, p. 38)

As notícias hiperlocais se orientam, então, por um dos principais elementos do jornalismo: o interesse público. Os conteúdos jornalísticos precisam ter importância para os leitores e uma das principais vantagens do hiperlocal é a proximidade entre os eles e a notícia. O interesse público é, assim, construído a partir de valores concretos de uma comunidade. Uma das grandes dificuldades do jornalista, porém, é reconhecer quais são os valores da sociedade para a qual ele escreve e, como, a partir deles, narrar acontecimentos de forma clara e de interesse para seu público alvo.

Aparentemente simples, este preceito oculta um desafio: para escrever algo de interesse público, é necessário que o jornalista entenda o que isso realmente significa. Neste sentido, Manuel Carlos Chaparro explica que há uma diferença entre interesse público e interesse do público.

O interesse público, no entendimento que a ciência política lhe atribui (...), define bens imateriais indivisíveis, que pertencem a todos, ou seja, a uma totalidade dos unidos por valores-verdades em que acreditam. Valores concretos, como a Pátria, a Família, a Igreja, ou valores abstratos, como a Justiça, a Liberdade, a Igualdade, a Dignidade, a Honra, o direito à Vida e à Felicidade. Valores motivadores e justificadores das ações humanas, inclusive as ações de narrar e analisar as coisas da Atualidade, que pertencem ao jornalismo. (CHAPARRO, 2012, p. 08)

Em outras palavras, o interesse público é construído a partir de valores concretos de uma comunidade. Na imprensa hiperlocal, esse objetivo é o mesmo e ainda mais específico: cada País, Estado, cidade, região, bairro tem a sua história, seus tipos de pessoas, seus costumes e interesses. Uma comunidade de determinada região de São Paulo é apenas uma pequena parte da população, mas é, também e ainda, um grupo muito específico. Um jornalista que escreve para um veículo hiperlocal deve se aprofundar ainda mais e entender os valores e princípios daquela comunidade. O singular ganha sentido afinal, no universal.

Logo, o jornalismo hiperlocal é uma forma de escrever notícias com uma diferente angulação. Normalmente, o local é um bairro ou uma determinada região de alguma cidade. Pautas importantes são acontecimentos dentro dessa área delimitada; assim o leitor se sente mais próximo da notícia e do que acontece em seu redor. A proximidade da notícia com o leitor é essencial, como explica Carlos Camponez:

A proximidade é entendida com frequência, no jornalismo, numa dimensão essencialmente estratégica, quer seja como valor-notícia

orientador dos critérios noticiosos do jornalista, quer ainda como um produto comercial. Como elemento caracterizante do que é notícia, a proximidade é vista como um dos valores centrais do jornalismo, determinante do interesse do público pelas notícias. (CAMPONEZ *apud* AREAL, 2012, p. 39)

Essa proximidade é importante em qualquer texto jornalístico. Entretanto, no âmbito hiperlocal, os leitores, que são moradores de determinado bairro, se identificam mais com essas notícias. Assim, o jornalismo hiperlocal propicia um maior espaço para a humanização: a proximidade da matéria com o leitor é atingida pelo reconhecimento do leitor com a personagem e com o acontecimento que estão sendo narrados. Para Criselli Montipó, as narrativas humanizadas são:

Aquelas que priorizam um jornalismo produzido com vidas e privilegie a busca de múltiplas vozes e olhares. Ou seja, quando o jornalista coloca-se a serviço, atendendo ao seu compromisso social, vai buscar os fatos e os relata como histórias ricas em informações – que podem ser impressões, detalhes, sensações, emoções – com o intuito de subsidiar seu público para a compreensão, para que tenha uma posição sobre o assunto. O relato jornalístico humanizado é também aquele que não busca disseminar preconceitos, mas compartilhar sentidos, valores universais. (MONTIPÓ, 2011, p. 04)

Neste sentido, é que a narrativa oral e a memória dos velhos moradores da Vila Mariana, por exemplo, ganha relevância e interesse jornalísticos. Segundo José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda, a história oral valoriza a memória das pessoas e da comunidade:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento de condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 15)

Em outras palavras, a partir de uma gravação feita com o entrevistado e da transcrição em palavras escritas, gera-se uma documentação oral. Essas entrevistas são mais uma forma de tentar compreender o passado e o presente da comunidade a partir de um

ponto de vista diferenciado: o olhar do cidadão que vive no bairro, que testemunha sua história, seus problemas, bem como as vantagens de se viver na Vila Mariana, por exemplo.

Para uma boa apreensão das informações e dos relatos dos entrevistados, Mônica Martinez ressalta que o jornalista deve ter:

Escuta atenta, sem demasiada interferência do entrevistador. O próprio recurso da gravação “(...) resulta numa alta fidelidade à fala do personagem, permitindo utilizar diálogos e expressões pessoais que deixam a narrativa saborosa, ajudando a compor a persona do indivíduo ou grupo social”. (MARTINEZ *apud* MARTINEZ, 2014: 80)

Para a autora, é importante que, durante a entrevista, o entrevistador esteja atento a tudo que seu entrevistado está falando. Além disso, prestar atenção em como ele conta suas histórias e memórias, torna possível captar a essência dos acontecimentos narrados. Afinal, para falar com propriedade sobre determinados aspectos do bairro e conseguir comparar o passado com o presente, idosos são as melhores fontes. A história oral dá, então, a oportunidade para os velhos relembrem e resgatarem memórias que compõem a sua própria trajetória e, ao mesmo tempo, ressignificar e compartilhar, num saber que advém dessa experiência mesma, uma história de muitos.

Assim, é importante ressaltar o lugar da memória na reconstrução do passado e que se explica e se encaixa no presente. Segundo Ecléa Bosi, “os velhos são a fonte de onde jorra a essência da cultura”. A autora explica:

O passado conserva-se, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 1979, p. 48)

Sem as memórias, independentemente do seu tipo, a reconstrução do passado para entender o presente se torna difícil e superficial. Nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, os entrevistados lembraram com facilidade de sua vida na Vila Mariana: as brincadeiras, as rotinas, os programas; falaram e compartilharam, com muita felicidade, determinados detalhes e acontecimentos no bairro. No entanto, uma memória acaba sempre sendo uma ação do presente. Elas fazem parte de uma seleção do passado individual que, por sua vez,

fazem parte de um coletivo que ajuda a entender e reconstruir uma história e dar uma ideia do futuro. Segundo Marialva Barbosa:

Para (Maurice) Halbwachs a memória individual é de natureza social, por inúmeras razões: a primeira delas é que esta memória é sempre de natureza intelectual. Localizar uma lembrança é utilizar a inteligência e as correlações imediatas com a sociedade. É através desse movimento de dependência da sociedade que é possível ligar a imagem a um lugar, a um nome, a uma reflexão. Por outro lado, a memória individual utiliza noções que se reportam a todos os grupos que atravessam a nossa existência. (BARBOSA, 2004, p. 7)

Portanto, uma memória individual pode ser o reflexo de uma época e que atinge todos os futuros humanos que ainda vão existir. E resgatar essas histórias é também uma das tarefas do jornalismo. Como aponta Francisco José Karam,

O jornalismo trabalha com a diversidade de tempos sociais, com a diversidade de memórias coletivas, com algumas memórias autobiográficas ou pessoais, que idealmente devem expressar-se em seu tempo singular de produção informativa. Mas é na reconstrução do presente sempre fugaz que ele dá uma dimensão histórica à memória humana, não única, mas diversa, contraditória, plural. Nesse aspecto, a forma do jornalismo busca, na multiplicidade de tempos sociais e das memórias individuais e coletivas, a imediatidade da produção de fatos, de versões, de eventos. (KARAM, 2004, p. 33)

A polifonia no jornalismo é, então, algo essencial e seu reconhecimento se faz também na tentativa de uma reconstrução do passado e das memórias. O jornalismo trata de toda essa complexidade e diversidade das sociedades e, para elas serem explicadas, pessoas devem não apenas falar, mas, sobretudo, ser reconhecidas, valorizadas e humanizadas.

Vila Mariana em pauta: da história oral ao jornalismo hiperlocal

O público pode ser também fonte de relatos para a imprensa, sobretudo, para o jornalismo local e hiperlocal. A partir deste pressuposto, apresentamos fragmentos de entrevistas com cidadãos comuns, moradores da Vila Mariana, que contaram suas histórias de vida e resgataram as memórias que têm do bairro. Além disso, fizeram uma comparação entre o passado e o presente da região.

No relatório que originou este artigo, para cada fonte, houve uma apresentação do personagem com uma breve descrição de seu papel no bairro; foi transcrita uma pré-entrevista com dados mais focados na história da pessoa, como data e local de nascimento,

família e como chegou à região. Em seguida, foram transcritas as entrevistas, que tematizam assuntos relacionados ao bairro.

Depois de cada entrevista, foi apresentado um levantamento de possíveis pautas, realçando os temas sugeridos e abordados na fala de cada um dos cidadãos. Esse processo constitui a intenção mais formal desta pesquisa, empenhada em elencar pautas jornalísticas de interesse público para a população da região da Vila Mariana.

Os entrevistados, todos com mais de 75 anos e antigos moradores da Vila, são os protagonistas dessas histórias. Propor pautas a partir das histórias desses entrevistados é, afinal, confirmar o que diz Bosi (1979: 48): “o passado conserva-se, e, além de conservar-se, atua no presente”.

Os Personagens e as pautas

A seguir, apresentam-se trechos das entrevistas realizadas com os moradores e exemplos de pautas que, originadas de suas falas, mostram como pode se dar a inter-relação entre memória e jornalismo hiperlocal.

a) Sílvio Rizzo

Sílvio Rizzo é um personagem relativamente conhecido na Vila Mariana. Foi essa popularidade que facilitou o acesso a ele. O sapateiro foi citado no grupo do Facebook *Vila Mariana Amo Você*. Nas conversas, ele falou da sua relação com a família e contou muito dos últimos 60 anos da vida do bairro:

Eu conheço pouco da vila, mas conheço da mudança. Eu trabalhei muito, não tive tempo para ficar andando pelo bairro. Mas conheci muitos lugares e depois de velho não tenho tempo nem capacidade para fazer muita coisa. Vim pra cá em 1949, pouco tempo, né? Então as coisas mudam, tudo passa, estamos passando ainda, porque ainda não morri. Os clientes falam que faço milagre, mas eu não morri ainda. (...) A urbanização mudou bastante, houve uma série de mudanças. A rua aqui ainda era paralelepípedo, mas calçaram as ruas. Eu sou do tempo que jogava bola aqui no Olímpicos, atrás do Colégio Bandeirantes. A Avenida 23 de Maio não existia, era um vale que tinha vários campos de futebol. Tinham três times que eu conheci; o Independência, o Atlético Paraíso e outro que era famoso, mas tem coisas que a gente vai esquecendo. Eu vi, também, a inauguração do Ibirapuera, em 54.

No centro do Largo Guanabara, que era em frente ao metro Paraíso, tinha a Igreja Santa Generosa, hoje essa paisagem não existe mais. A igreja mudou de lugar, foi recuada para a Avenida Bernardino de Campos, 360, e agora o que fizeram ali? Só uma saída do metro. Antes não existia o

metro, ele é relativamente novo, 30 anos. Então, ali que era o largo mudou muito.

Um lugar que sempre, quando meus filhos eram jovens, crianças, iam brincar era no Largo Ana Rosa, que também não existe mais. Antes não era isso que é hoje. Atualmente, tem o calçadão, uma série de mesinhas, acabou virando coisas de bar, antigamente, a gente podia brincar lá, era gramado e isso mudou muito. (...)

Antes do metrô, existiam os bondes. Onde eram casas baixas, hoje tudo virou prédio. Aqui na rua só restou essa casa (*se referindo à sua sapataria*), o restaurante da frente e a farmácia de manipulação. Na região, existiam muitos árabes, sírios, turcos, aqui era uma zona deles, e hoje eles sumiram daqui. Então a coisa foi mudando, evoluindo de uma maneira e que a gente não sabe mais se está melhor ou pior agora. Para mim, é a mesma coisa, só mudou esteticamente, isso mudou muito. Muitos prédios. Onde é esse prédio em frente (*apontando para o edifício*), eram lojinhas e acabou. Não são construídos mais prédios que deem a chance de colocar alguma coisa embaixo. Não tem mais loja. Se alguém quer uma loja tem que ir ao shopping; tem poucas lojas de rua. E no shopping os preços são abusivos, você não tem como competir ou montar um negócio lá dentro. Uma sapataria, por exemplo, não é possível, porque o aluguel “come” tudo. Isso é ruim, pois acaba com o pequeno comércio, ele vai deixando de existir. E assim vai mudando, tudo muda.

Tinham bastantes casarões, casas para morar mesmo, com jardim, cercado. Onde fica a farmácia, eles cercam a casa, mas no lugar do jardim virou estacionamento. Na Rua José Antônio Coelho, a única casa bonitinha virou uma pensão. (BIANCHI, 2016, p. 29, 30, 31)

Pauta:

Tema: Verticalização

Angulação: Como o alto índice de verticalização no bairro altera a paisagem da região?

Antes famosas pelos seus casarões, como é hoje a paisagem arquitetônica da Vila?

Registro oral: A construção de prédios na região e a urbanização em si são pontos que o entrevistado comenta e realça durante toda a entrevista.

b) Dalva e Rondival Carrara

Dalva e Rondival Carrara são um casal que vive e aprecia o bairro. Rondival Carrara começou a morar na região depois que conheceu sua atual esposa, Dalva. Casados há 59 anos, vivem no mesmo apartamento na Vila Mariana há 43 anos. No bairro, eles moram perto de toda sua família e têm uma vida sossegada.

Na entrevista, ele conta de programas que antes eram possíveis de realizar na região

e que hoje não existem mais. Dalva resgata o tema de parteiras na Vila. Esses assuntos motivaram pautas cuja angulação indicou entender como a mudança na parte cultural do bairro e buscar histórias de parteiras que viveram na região.

Segundo ela,

Eu sou da Vila Mariana. Nasci e morei aqui, na Rua Paula Nei, perto do Lar Brasileiro. Quando eu tinha uns oito anos, fui morar na Rua Conselheiro Rodrigues Alves, depois fui para a Vila Clementino, na Rua Coronel Lisboa, e quando casei fui para o Planalto Paulista. Depois fomos para a Vila Prudente, porque ficava perto do trabalho dele. Mas aí voltamos para a Rua Paula Nei, mesmo que ele continuasse no trabalho dele. A Vila Mariana é um bairro bom, né? Essa é a região que mais gostei de morar. Aqui é perto de tudo; em um instante estamos na Avenida Paulista, Moema.

Nasci com parteira, na minha casa, que morava na Rua Vergueiro, chamava parteira Rosa⁴. Foi em uma terça-feira de carnaval. Aí aconteceu que ela estava pensando na festa de carnaval e não segurou meu umbigo direito; ela amarrou frouxo. Minha avó que estava em casa, junto com a minha mãe, passou no bercinho e falou: Nossa como essa menina tá pálida! Naquele tempo usava cueiro, então o bebê ficava todo amarrado. Quando minha avó me tirou do bercinho viu que eu estava toda cheia de sangue. Aí meu pai teve que correr atrás de médico, pra consertar. Mas imagine, fui nascer logo em uma terça-feira de carnaval. Somos três irmãs, só a mais nova que nasceu no hospital, porque antes era tudo com parteira. (Idem, p. 38)

Pauta:

Tema: Parteira

Angulação: Ir atrás da família da parteira Rosa e registrar porque, naquela época, as parteiras tinham um papel importante no bairro. Além disso, buscar outras histórias de pessoas que nasceram com parteiras na região. Qual era um perfil dessas parteiras?

⁴ Foi em 1887 que a parteira Josefina Padovani Nosé chegou ao bairro, junto com seu marido, Luiz Nosé, e seu filho, Pedro Nosé. “Radicados em nosso bairro, D. Josefina logo inicia a sua nobre profissão, atendendo os moradores de Vila Mariana, lugares próximos e também a Vila de Santo Amaro. Antes aqui só havia mulheres práticas nesse mister que, naturalmente, muitas vezes punham em risco a vida das pacientes e das crianças que iam nascer. Atendendo em qualquer dia e a qualquer hora da noite, com qualquer tempo, naquela época de condução difícil e em viagens perigosas, nunca deixou de socorrer quem precisasse de seus serviços e de sua capacidade profissional, mesmo aqueles que nada podiam pagar. Muita gente de hoje não sabe que esta mulher prestativa e competente foi a primeira parteira do nosso bairro, ao qual serviu até o ano de sua morte - 1911”. (MASAROLO, 1971, p. 57)

Registro oral: Ao contar sobre o seu nascimento e o problema que teve no início da vida, Dalva comenta que nasceu com parteira na sua própria casa. Fala que a parteira Rosa morava na Rua Vergueiro.

Rondival também dá seu testemunho sobre a Vila:

Há muito tempo, a gente frequentava bastante os cinemas que tinham aqui na Vila. Tinha o San Remo, era entre a Rua Joaquim Távora e o Banco Bradesco; o Cine Fênix ficava onde hoje é a Caixa Econômica aqui na Rua Joaquim Távora; o Sabará ficava no lugar do Pastorinho, na Rua Domingos de Moraes; e o Cine Cruzeiro era onde é o Pão de Açúcar, na Rua Rodrigues Alves. Você não conheceu nenhum deles, né? Mas era bem gostoso, esse negócio de bairro é muito bom. Mas agora acabou tudo isso. Têm só alguns cinemas por aí, mas não me atraem, por vários motivos. Não que o cinema não seja bom e nada disso, mas não tenho mais vista pra ficar vendo tanta coisa. Era um bairro gostoso, tranquilo, tinham quatro cinemas aqui na redondeza. E hoje a gente não vê mais isso, mas, como eu disse, continua um bom bairro. (Idem, p. 41)

Pauta:

Tema: Cinema

Angulação: São Paulo pode ser considerado um centro cultural do país. Nos anos 1960 e 1970, os cinemas de rua eram uma atração. Hoje, porém, eles praticamente inexistem. O foco da matéria é analisar essa mudança na parte cultural da Vila. Quais aspectos melhoraram ou pioram? Buscar histórias de famílias que frequentavam os cinemas da região.

Registro oral: Na entrevista, Rondival comenta que, na Vila Mariana, existiam, pelo menos, quatro cinemas de rua. Ele conta que ir aos filmes era um programa bem gostoso de fazer e que os cinemas de hoje em dia não o atraem mais.

c) Gustavo Ipolito:

Gustavo Ipolito está no bairro desde que nasceu, em 1939. Viveu sua infância em uma casa e compartilhou com seus vizinhos, que eram seus amigos, muitas histórias que hoje constituem boas memórias. Vive com a esposa, Leonor, em um apartamento da Rua Humberto Primeiro, e se sente feliz e privilegiado em morar num bairro como a Vila

Mariana.

Brincadeiras de criança e lugares que antes eram chácaras e agora são prédios, a modernização da região, são temas recorrentes em sua fala e que orientam pautas como fazer uma comparação entre brincadeiras das crianças hoje e no passado.

Além disso, suas histórias serviram de base para pautar como as antigas chácaras cultivavam plantações e descobrir pessoas que hoje ainda plantam frutas ou hortaliças:

Domingo, tinha uma senhora que fazia pastéis deliciosos, então a gente ficava louco para comer o pastel. Tinha uma, que a geladeira dela era com pedra de gelo, então toda manhã passava o caminhão com gelo para deixar a pedra de gelo pra ela. Aí, às vezes, a gente ia lá, dava uma cutucada, cada um arrancava um pedacinho de gelo para ficar chupando. Ou, quando a gente via o caminhão, a gente quebrava um pedaço de gelo de lá. Ah, era coisa de criança assim, mas era tudo muito gostoso. A gente se divertia com muito pouco, mas todo mundo era feliz.

Um tinha pé de mexerica na casa e quando dava mexerica, todo mundo comia. O outro tinha uma pitangueira, eu só aí que fui conhecer a pitanga. No Nordeste, que a pitanga era famosa, mas quando dava a pitanga lá, todo mundo ia comer, era um negócio... E não tem hoje, hoje é diferente.

Hoje não tem quintal, não tem mais árvores. Antes eram árvores frutíferas, todo mundo tinha um pé de laranja. Quando eu mudei daqui, já adulto, fui morar no Jardim da Saúde. Minha casa era grande e no fundo da casa tinha um pé de bananeira. Quando entramos lá, que compramos a casa, tinham já dois cachos de banana. Então eram coisas que hoje não existem mais. Hoje não tem mais nada disso.

Tinha gente que fazia sua horta em casa, sabe? Jardim era a horta, pé de couve todo mundo tinha. Hoje é difícil isso. A vida era muito externa, a gente ficava muito na rua, tomava muito sol. Isso também ajudava que ninguém ficava doente, era difícil ter um resfriado, uma gripe. Ninguém vivia agasalhado, então, às vezes, as mães falavam: não menino, vem aqui por uma camisa, tá frio, tá chovendo. E, pra nós, era tudo farra, era calção e pé no chão, isso era muito gostoso, muito gostoso mesmo. (Idem, p. 52)

Pauta:

Tema: Brincadeiras

Angulação: Taco, bolinha de gude e futebol de rua são exemplos de brincadeiras que as crianças de hoje não praticam mais. Resgatar memórias de quais eram as brincadeiras feitas na Vila. Fazer uma comparação de como elas mudaram e descobrir como as crianças se divertem hoje no bairro.

Registro oral: A questão das brincadeiras é bastante abordada por Gustavo no decorrer da entrevista. É algo que ele gosta de relembrar, destacando que as coisas realmente mudaram. Ele acredita que até mesmo seus filhos não foram tão felizes na Vila Mariana quanto ele foi.

d) Ebe Fausto

Ebe Fausto, formada em medicina pela Escola Paulista de Medicina, veio para o bairro em 1949, logo após o seu casamento com Ernesto Fausto. Foi numa casa na rua Professor Francisco de Castro que ela e o marido criaram os seus seis filhos. Hoje, ela vive em um apartamento na Rua Gandavo junto com uma de suas filhas.

Ebe conta como se deu a modernização do bairro voltada para a Escola Paulista de Medicina e do Hospital São Paulo e comenta sobre principais diferenças entre morar em casa e apartamento. Esses temas inspiraram pautas em que propusemos conversar com ex-alunos da Escola Paulista e capturar o olhar dessas pessoas sobre as histórias do bairro. Além disso, a fala de Ebe inspirou pautas que discutissem as principais diferenças, para idosos, entre morar em casa e prédio.

Quando eu morava na rua eu conhecia todos de lá. Tem gente que acha que apartamento é mais fácil de fazer amizade, mas é uma vida mais reclusa essa de apartamento. Quando morava na casa, meus filhos brincavam muito na rua. Era uma rua quietinha. Então, eles jogavam bola na rua. A gente conversava muito mais com a vizinhança do que aqui no prédio. Aqui, a gente entra, fecha a porta e não vê mais ninguém. Não sei se todos os prédios são assim, mas esse é. Eu converso com todos, às vezes, no elevador, mas é uma conversa rápida, um cumprimento só e nada mais.

É muito diferente da vida de uma casa, né? Parece que é. Mas não sei se é por ser meu estilo ou o que mais acontece. Mas eu, lá na rua, eu me identificava, conversava com meus vizinhos com muito mais facilidade e até hoje são meus amigos. A vizinha do lado é filha de uma moradora que foi minha vizinha, aliás, neta. A avó e o avô moravam na casa, a mãe também e depois que casou ela herdou a casa dos avós e dos pais e mora lá até hoje. E não quer sair.

Parece que agora tem uma companhia que tá querendo comprar a minha casa e mais várias. (Idem, p. 60)

Pauta:

Tema: Apartamento X casa

Angulação: Discutir as principais diferenças dessas duas habitações para os idosos. O que cada um proporciona, quais as vantagens e desvantagens? Seria interessante uma fonte que antes morava em casa e foi para um apartamento– e vice-versa – para dar a sua opinião. Como foi a transição; a mudança?

Registro oral: Ebe diz na entrevista que morar em apartamento é muito diferente de viver

em casa. Além disso, acredita que se vivesse em uma casa, mesmo aos 92 anos, sua rotina seria completamente diferente e mais ativa.

As pautas, elencadas com base nos relatos dos entrevistados, enfim, tratam de diversos aspectos. Como muitos relacionam a vida do bairro no passado e no presente, essa comparação é importante de ser ressaltada e virou tema de algumas pautas.

Considerações Finais: histórias que caminham juntas

Os personagens entrevistados possuem um passado em comum, mas cada um retrata suas experiências de maneira diferente. São lembranças e memórias que, juntas, ressalvam qual era a essência da Vila Mariana; o que as pessoas mais gostavam de fazer, quais eram os programas que hoje não podem mais ser feitos, qual é a maior saudade do bairro de cada um.

Ao falar sobre a arte de tecer o presente, Cremilda Medina (2003: 60) realça que “os afetos tecem redes surpreendentes de sobrevivência”. A vida é feita de afetos, de acontecimentos que a determinam e isso é nítido nos relatos dos entrevistados. Medina ainda afirma a existência da respiração social, que ela “reflete os anseios profundos e desenha identidade” (Idem).

Separadas, as histórias de Sílvia, Rondival e Dalva, Gustavo e Ebe são importantes e possuem relevância para a reconstrução do passado. Porém, juntas, suas histórias trazem um cenário diferente e único; como a memória individual reporta acontecimentos de um grupo. Elas mostram como a sociedade é complexa, como cada um possui suas vontades e opiniões, embora juntas as pessoas tenham uma mesma “respiração social”.

É importante perceber como as memórias podem trazer aspectos essenciais do presente. Por exemplo, Gustavo comenta sobre como os alimentos que os moradores da Vila consumiam no passado eram orgânicos e plantados nos jardins das casas. Isso estimula reflexões sobre a forma como os cidadãos se alimentam hoje; se a alimentação de hoje em dia é tão saudável quanto há alguns anos.

É interessante que, em alguns relatos, os entrevistados comentam sobre os mesmos aspectos do cotidiano na Vila. Por exemplo, um tema recorrente são os limites da segurança

e a falta de sossego que o crescimento urbano implicou para a região. Isso mostra como existem assuntos que estão em pauta na vida dos cidadãos e que devem ser tratados pelo jornalismo como uma relevante questão de interesse público.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu que houvesse um aprimoramento e aprofundamento de conceitos que, para esta pesquisadora, eram muito superficiais. O jornalismo hiperlocal, que ainda não é um tema muito presente em artigos e pesquisas, por exemplo, se tornou um assunto mais claro e amplo, com diversas ramificações e possibilidades. Como jornalista e moradora da Vila Mariana, foi possível perceber o quanto é importante estar sempre atento ao redor. Existem muitas histórias, pessoas, marcos e, conseqüentemente, pautas em todos os lugares. Inclusive, no bairro em que se vive.

Referências

BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, “senhores da memória”?**. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004. Disponível em: <http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/BARBOSA%20Marialva.pdf>. Acesso em: 30 de junho de 2016

BIANCHI, Marina M. **Práticas do Jornalismo Hiperlocal na Vila Mariana: um levantamento de pautas a partir da história oral**. Relatório Final de Projeto de Iniciação Científica (PIC). Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). São Paulo, 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARBONELL, Thais. **Novas Possibilidades para o Jornalismo: o noticiário hiperlocal**. ESPM-SP: Curso de Jornalismo. Projeto de Iniciação Científica, 2012.

CHAPARRO, Carlos. **Interesse Público não se confunde com “Interesse do Público”**. O Xis da Questão, 2012. Disponível em: http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012_7_31_14_31_7_54154.pdf. Acesso em: 5 de agosto de 2015.

CORREIRA, João Carlos. **Ágora – Jornalismo de Proximidade: limites desafios e oportunidades**. Covilhã: Labcom, 2012. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20121224-agora_ebook.pdf. Acesso em: 14 de julho de 2016.

KARAM, Francisco José Catistilhos. **A Ética Jornalística e o Interesse Público**. São Paulo, Summus, 2004

MARTINEZ, Monica. **A História de Vida como Instância Metódico-técnica no Campo da Comunicação**. IN: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USCS

(Universidade Municipal de São Caetano do Sul). V. 16, N. 30. São Caetano do Sul, 2015. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2622/166. Acesso em: 8 de dezembro de 2015.

MASAROLO, Pedro Domingos. **O Bairro de Vila Mariana**. Coleção História dos Bairros de São Paulo. São Paulo: Prefeitura Municipal; Secretaria de educação de Cultura; Departamento de Cultura, 1971.

MEDINA, Cremilda. **A Arte de Tecer o Presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Editora ABDR, 2007.

MONTIPÓ, Criselli. **Jornalismo, Ética e Humanização**: reflexões sobre a tríplice tessitura. IN: Intercom. Recife, 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1228-1.pdf>. Acesso em: 10 de dezembro de 2015.